CIDADES INTELIGENTES E CIDADES CRIATIVAS:

APROXIMAÇÕES ENTRE OS CONCEITOS[[1]](#footnote-2)

Yohana Marx[[2]](#footnote-3); Patricia Scherer Bassani[[3]](#footnote-4)

**Resumo**

Este estudo, conduzido a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, discute os conceitos de cidades inteligentes e cidades criativas, a fim de subsidiar a compreensão de como as tecnologias digitais podem vir a melhor integrar a produção cultural dos cenários urbanos.Quanto aos procedimentos técnicos, apoia-se em pesquisa bibliográfica, que possibilitou elencar seis categorias de aproximação entre os conceitos de cidades inteligentes e cidades criativas: a) compreensão da identidade; b) planejamento; c) conexões; d) tecnologias digitais; e) sustentabilidade; f) atratividade. Verificamos que os conceitos analisados compartilham de muitos ideais, sendo possível perceber a importância da implementação digital para a realização de ações culturais, uma vez que ela lhes permite maior praticidade, alcance e visibilidade.

**Palavras-chave:** cidades inteligentes; cidades criativas; tecnologias digitais; mídias locativas; espaços urbanos.

**Introdução**

Ao falar sobre globalização, Lemos (2006) descreve como forte característica da cultura contemporânea a perda de território e o apagamento de fronteiras. Por meio da internet, podemos, por exemplo, ouvir uma rádio russa, ler um jornal da Coreia, visitar um *site* da Finlândia e, até mesmo, conversar com alguém do Sri Lanka pelo *messenger*, sem nos darmos conta de que estamos vivendo um processo de desterritorialização generalizado. Ou seja, estamos imersos em diferentes culturas e informações, que, embora não façam parte de nosso território geográfico, estão inseridas em nosso cotidiano.

No contexto de Cibercultura, qualquer sujeito pode produzir e publicar informação em tempo real. Do lugar onde estamos, podemos enviar fotos, filmes ou mensagens de texto sem que aqueles que controlam esse território físico, legal, simbólico, saibam ou mesmo possam fazer alguma coisa - a não ser que bloqueiem o acesso à rede, impedindo a criação “do meu” território informacional - (LEMOS, 2006). Sob essa perspectiva, é fácil observar que temos desfrutado de grande liberdade, como, por exemplo, ao criarmos blogs e podcasts, disseminando-os pela rede e, assim, compartilhando nossas ideias, opiniões, criações etc..

A ideia de “territórios” é bastante evidente ao falarmos sobre cidades e seus espaços, sejam eles físicos ou digitais. No contexto de conexão entre elementos reais e virtuais, Lemos (2007, p. 1) conceitua como mídias locativas os “dispositivos informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade”, existindo, então, uma relação entre os dispositivos móveis e os lugares. Essas informações dizem respeito a elementos presentes nos espaços físicos das cidades, como placas de estabelecimentos, com capacidade de gerar informações a determinado público, como,por exemplo, um menu totalmente digital.

Para o autor, essas mídias locativas “são utilizadas para agregar conteúdo digital a uma localidade, servindo para funções de monitoramento, vigilância, mapeamento, geoprocessamento (GIS), localização, anotações ou jogos” (LEMOS, 2007, p. 1-2), informando, assim, que os lugares e objetos passam a interagir com os dispositivos informacionais, através do compartilhamento de dados. Destaca, ainda, que:

Com as mídias locativas, as trocas informacionais não emergem nem dos meios de massa (rádio, TV, jornais), nem do ciberespaço acessado em espaços fechados (espaços privados ou semipúblicos), mas de objetos que emitem localmente informações que são processadas através de artefatos móveis (p. 13).

Dessa forma, muitas cidades têm adaptado seus ambientes para receber usuários que buscam essa conectividade, como bibliotecas e museus interativos, além de outros estabelecimentos, com diversos dispositivos digitais espalhados em seu interior, no intuito de trazer uma melhor experiência para seus frequentadores. Assim, percebemos que não são apenas os serviços (aplicativos) e os produtos (*smartphones*, *laptops* e carros) que vêm mudando e ampliando suas funcionalidades, mas também os espaços que constituem as cidades em que vivemos e a nossa relação para com eles. O conceito de uma Cidade Inteligente (*Smart City*) emerge exatamente da busca por soluções inteligentes para problemas da cidade, amparados pelo uso das tecnologias digitais. Em outras palavras, trata-se da disponibilização de uma vasta infinidade de sensores, câmeras e outros dispositivos, prontos para obterem informações do cotidiano da população, para a melhoria dos serviços oferecidos.

Por outro lado, o conceito de Cidade Criativa está focado na produção criativa e cultural que uma cidade apresenta em determinada área. No documento “*Why Creativity? Why Cities*?” (Por que Criatividade? Por que Cidades?), a Unesco afirma que as áreas urbanas são hoje os principais criadouros para o desenvolvimento de novas estratégias, de políticas e de iniciativas destinadas a fazer da cultura e da criatividade um motor do desenvolvimento sustentável e da regeneração urbana,por meio do estímulo ao crescimento e da inovação, além da promoção da coesão social e do bem-estar dos cidadãos e do diálogo intercultural (*Creative Cities Network* - Unesco).

Em 2007, pela primeira vez na história, a população urbana superou a rural e o mundo fez-se predominantemente urbano (CUNHA, 2016). Tendo em vista a previsão da ONU[[4]](#footnote-5) de que, até 2050, 70% da população global (mais de seis bilhões de pessoas) esteja vivendo em cidades (BOUSKELA et al., 2016), o presente estudo compreende a necessidade de investigar os conceitos que vêm sendo utilizados na descrição das ações necessárias à melhoria das cidades e de seus serviços.

Entendemos que esses conceitos estejam sendo responsáveis por alterar não apenas os espaços urbanos, mas também a forma como as pessoas vivem e interagem em seu cotidiano. Dessa forma, buscamos verificar quais são as aproximações entre os conceitos de cidades inteligentes e cidades criativas, a fim de compreender como as tecnologias digitais podem vir a melhor integrar a produção cultural dos cenários urbanos.

O presente estudo, conduzido a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, é um recorte da pesquisa “Práticas educativas em/na rede: autoria e colaboração no desenvolvimento de atividades de aprendizagem com tecnologias digitais”[[5]](#footnote-6), que busca compreender as aproximações entre os conceitos de cidades inteligentes e cidades criativas, para embasar estudos sobre práticas educativas na cibercultura, considerando as cidades como espaços de aprendizagem. Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo apoia-se em pesquisa bibliográfica.

Visando a atingir os objetivos propostos, o texto está assim organizado: partimos de uma reflexão sobre os conceitos e características de cidades inteligentes e de cidades criativas, com base em pesquisa bibliográfica para, a seguir, apresentarmos as aproximações entre ambos os conceitos.

**CIDADES INTELIGENTES**

Uma *Smart City* é*,* de acordo com Bouskela et al. (2016), aquela que coloca as pessoas no centro do desenvolvimento, incorporando as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na gestão urbana e utilizando esses elementos como ferramentas que possam vir a estimular a formação de um governo eficiente, que englobe o planejamento colaborativo e a participação cidadã. Assim, a “tecnologia conecta cidadãos e empresas à cidade e entre si” (p. 33). Compreendemos, então, que o conceito de cidade inteligente está fortemente ligado à ideia de conexão, fator fundamental para que o relacionamento entre os representantes da cidade e sua população de fato funcione. Segundo Bouskela et al., 2016, p. 14),

[...] as tecnologias das *Smart Cities* integram e analisam uma quantidade gigantesca de dados gerados, capturados de diversas fontes, para antecipar, mitigar e até prevenir crises. Esses mecanismos permitem fornecer, de forma proativa, serviços, alertas e informações aos cidadãos.

Entendemos que, em uma *smart city,* “os cidadãos se beneficiam de serviços públicos melhores e são atores participativos da gestão pública” (p. 33). Dessa forma, a população não apenas recebe os dados coletados pelo governo como também participa da sua geração, para que os serviços oferecidos, de fato, atendam as suas necessidades. Dessa forma, as ações do governo não apenas contemplam os moradores, mas são planejadas por meio da análise das prioridades no cotidiano da população. Além disso, os pesquisadores ainda afirmam que um dos aspectos fundamentais “para o projeto de *smart city* é a liderança” (BOUSKELA et al., 2016, p. 44), sendo necessária a presença de um líder com autoridade para conduzir as transformações e agregar aliados.

Cunha et al. (2016), por sua vez, afirmam que o termo “inteligente” é muito flexível e funciona como um guarda-chuva, ao abrigar inúmeros objetivos e finalidades, de ferramentas e procedimentos. Ressaltam, ainda, que cidades e empresas têm utilizado o termo sempre que buscam proporcionar soluções urbanas, de modo que “Tudo na cidade é - ou quer ser – inteligente” (p. 19).

Os autores ainda descrevem que o surgimento de uma *smart city* dá-se na confluência entre o crescente processo de urbanização, responsável por levar mais da metade da população mundial a viver em cidades, centros de influência econômica e social, e a revolução industrial, que transformou as relações entre os cidadãos através da criação de uma sociedade hiperconectada e colaborativa. Assim, Cunha et al. (2016) afirmam que, embora seja difícil encontrar um único conceito para descrever o termo, uma cidade inteligente é aquela que “supera os desafios do passado e conquista o futuro, utilizando a tecnologia como um meio para prestar de forma mais eficiente os serviços urbanos e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos” (p. 10). Destacam, além disso, que:

[...] o plano da *smart city* deve prever ações integradas com o uso de tecnologia para enfrentar os problemas históricos das cidades [...] como os relativos a segurança, saúde, educação, saneamento, habitação e desigualdade social; sem esquecer as novas demandas por mobilidade, sustentabilidade e transformação econômica (p. 15).

Esse excerto evidencia que os problemas a serem encarados pelas cidades também têm mudado com o passar do tempo. A mobilidade e a sustentabilidade, que são extremamente citadas entre os diferentes atuais conceitos das cidades, por exemplo, eram pouco mencionadas no passado, embora desempenhem papel essencial nas ações do cotidiano de uma população.

Essas questões também foram bem resumidas nas palavras de Bouskela et al. (2016, p. 7), quando afirmam que,

Além da atenção ao uso das tecnologias, estas urbes estão avançando em temas como decisões transparentes na gestão fiscal, competitividade econômica, segurança cidadã, mobilidade, redução da vulnerabilidade climática, e respostas mais ágeis em situações de emergência, algumas das variáveis para um planejamento urbano sustentável de longo prazo.

Percebemos, assim, que o conceito de *smart city* não se refere apenas a questões tecnológicas, mas também ao posicionamento necessário em enfrentar questões importantes para a mudança da cidade, em suas diversas áreas. Bouskela et al. (2016, p. 13) consideram que “planejar, gerenciar e governar cidades de forma sustentável, maximizando as oportunidades econômicas e minimizando os danos ambientais são grandes desafios que praticamente todos os países vão enfrentar neste novo século.” Os autores salientam a necessidade de planejamento e gerenciamento que busquem alcançar a sustentabilidade para a melhoria de diversos fatores ambientais de extrema importância para a vida da cidade. Nesse sentido, “as cidades inteligentes favorecem o desenvolvimento integrado e sustentável, tornando-se mais inovadoras, competitivas, atrativas e resilientes.” (BOUSKELA et al., 2016, p. 7).

Nas palavras de Leal et al. (2015, p. 19), uma “cidade inteligente deve oferecer uma forte concentração de serviços e talentos”.Os autores entendem, ainda, que “a Tecnologia da Informação e Comunicação tornou-se uma aliada crucial dessa gestão inteligente” (p. 6), sendo um meio para se chegar aos resultados esperados. Nesse pensamento, Cunha et al. (2016)destacam que “os serviços verticais (iluminação, gestão de resíduos, mobilidade), que são dotados de tecnologia, devem ser capazes de se interligar transversalmente para obter sinergias” (p. 14). Em outras palavras, diferentes setores, com o auxílio das tecnologias, conseguiriam realizar mais ações de maneira conjunta, cooperando uns com os outros.

Além desses elementos, soma-se, ainda, o fenômeno da internet móvel, uma vez que, com a adoção dos *smartphones,* têm-se cada vez mais cidadãos conectados e capazes de levar a gestão pública a um novo patamar, através de aplicativos que permitem o envio de dados e informações para os centros de gestão e controle das cidades, bem como facilitar a distribuição de alertas, serviços móveis e outras informações pertinentes aos moradores (BOUSKELA et al.,2016).

Na dimensão social, Cunha et al. (2016) acreditam que os dois principais desafios são “agregar os cidadãos das mais diversas origens e também aproveitar essa diversidade para gerar inovação e cultura” (p. 21), afirmando, ainda, que as cidades são polos de irradiação cultural.

Em suma, para que as estratégias traçadas pela cidade possam ser executadas, alguns tópicos são levantados para alcançar essas metas, como assegurar uma liderança clara; ter um plano de ação de longo prazo; estabelecer um novo modelo de relações entre administração pública e empresas; incorporar uma solução de tecnologia aberta e padronizada; promover modelos de financiamento com participação privada; desenvolver modelos de negócios sustentáveis e com retorno para todos os agentes envolvidos (CUNHA et al., 2016).

Entre os exemplos de ações inteligentes amparadas pelas tecnologias digitais, Bouskela et al. (2016) destacam os pontos de ônibus inteligentes, que oferecem aos usuários previsões em tempo real da chegada do ônibus seguinte; estacionamentos que identificam a presença de carros por meio de uma combinação de sensores de presença e comunicação sem fio, possibilitando aos condutores saber a disponibilidade de vagas em tempo real; uso de sensores para o monitoramento dos níveis de ruídos, de iluminação – para a economia de energia, de poluição ambiental, como o tráfego e condições climáticas, entre outros.

Na questão de limpeza urbana, os autores também destacam os coletores de resíduos sólidos, que, conectados por redes sem fio e equipados com sensores, monitoram o volume do resíduo, a umidade, a temperatura e, até mesmo, o tipo de conteúdo existente. Essas informações, por sua vez, fazem com que os dados cheguem às secretarias e empresas de limpeza, permitindo um melhor planejamento das rotas de coleta e, assim, atualizando os motoristas dos caminhões em tempo real sobre aos percursos, resultando na otimização do custo dos serviços (BOUSKELA et al., 2016).

Quanto à segurança, citam a importância das câmeras de segurança, que não apenas identificam ações suspeitas, mas também previnem delitos, por serem associadas a softwares de análise capazes de identificar anormalidades devido ao reconhecimento de imagens, poupando assim, tempo e recursos humanos de maneira bastante significativa.

No quesito tráfego, destacam o uso de dispositivos de GPS instalados em veículos dos serviços de emergência – polícia, bombeiros, ambulâncias –, permitindo o rastreamento da localização de tais veículos e, com base nas informações dos sensores e câmeras de trânsito, a obtenção do controle remoto dos semáforos e sistemas dinâmicos de sinalização, abrindo caminho pelo tráfego e identificando as melhores rotas para o atendimento às emergências de maneira rápida e eficiente (BOUSKELA et al., 2016). Além disso, outros equipamentos ajudam em situações específicas, como:

Câmeras acopladas a drones aéreos ou robôs terrestres já são usadas para reconhecimento aéreo de eventos urbanos; acompanhamento de obras públicas; monitoramento de áreas de risco (desmoronamentos, ameaças de bombas, incêndios) e monitoramento de áreas agrícolas, por exemplo. E as câmeras móveis vestíveis, como as que são usadas em uniformes de policiais ou no capacete dos bombeiros, permitem não só o acompanhamento do trabalho desse profissional como também, ao serem associadas a um sistema de comunicação sem fio remoto [...] (p. 59).

Como exemplo prático dessas ações aplicadas ao cotidiano de uma cidade, seguimos com o exemplo de Nova Iorque, que possui um Centro para a Ciência Urbana e Progresso (*Center for Urban Science + Progress* – CUSP), resultado de parceria público--privada entre a Universidade de Nova Iorque, a cidade e um consórcio de empresas de tecnologia. Assim, o CUSP recebe imagens de câmeras de monitoramento dispostas nas grandes vias de tráfego; pesquisadores encontram uma forma de combinar as informações coletadas com dados referentes às condições climáticas; sistemas desenvolvidos por eles atuam na redução de congestionamentos de trânsito, mudando o tempo de abertura e fechamento dos semáforos, melhorando a sinalização e emitindo alertas através de aplicativos móveis (BOUSKELA et al., 2016).

**CIDADES CRIATIVAS**

Os setores criativos passaram a ser estudados pela Unesco e pela União Europeia a partir do fim da década de 1970. Em 1990, surgiu o primeiro estudo detalhado acerca do conceito de cidade criativa, “*Glasgow: the Creative City and its Cultural Economy*” (Glasgow: a Cidade Criativa e sua Economia Cultural), e, algum tempo depois, em 1997, houve a alteração do termo “setores culturais” para “setores criativos”. Já em 2002, Richard Florida aborda a chegada de um novo setor, denominado “classe criativa” (LANDRY, 2013). Esse conceito visava representar os trabalhos que tinham por objetivo encontrar novas ideias e soluções para a melhoria na forma de se fazer algo. O termo inovação ganhava, assim, um novo sentido, ampliando as fronteiras para o que vivemos atualmente.

Com o intuito de relacionar os espaços urbanos das cidades com as práticas culturais ali realizadas, em 2004, a Unesco criou a Rede Mundial de Cidades Criativas[[6]](#footnote-7). Desde então, cidades buscam a conquista de seu selo entre uma das sete áreas criativas: gastronomia, design, música, artes de mídia, literatura, cinema/filmes e artes folclóricas e artesanato. A ideia é encontrar a vocação daquela cidade, buscando compreender qual a tradição criativa da população. No *site* oficial, a Unesco descreve que um dos principais objetivos dessa rede é funcionar como um laboratório de ideias e experiências inovadoras destinadas a capitalizar todo o potencial da cultura e da criatividade para o desenvolvimento urbano sustentável. Assim, as tradições locais são preservadas e, ao mesmo tempo, divulgadas, incentivando o desenvolvimento socioeconômico.

Reis et al. (2010) acreditam que as cidades criativas apresentam três características necessárias em sua constituição: a) inovação; b) conexão; c) cultura. A inovação é entendida como sendo a criatividade local posta em prática - o permanente estado de reinvenção pelo qual a cidade passa. A conexão diz respeito ao atrelamento que a cidade mantém, seja entre as diferentes áreas que ela possui e a apropriação que as pessoas têm dela, seja através dos setores público, privado e sociedade civil, seja através dos âmbitos local, regional e global, situando a cidade em diferentes contextos, ou, ainda, as conexões entre diferentes classes sociais, em que os espaços e equipamentos públicos possam ser frequentados sem distinção de renda ou origem. A cultura, por fim, corresponde desde a criação ao seu consumo, com “contribuição para a economia, a qualidade de vida, a autoestima e a participação de quem compõe a cidade” (p. 24).

Landry (in REIS; KAGEYAMA, 2011, p. 14) afirma que “uma cidade criativa procura identificar, nutrir, atrair e manter talentos e empresas criativas, que mantenham os jovens e os profissionais”, pois acredita ser fácil a uma pessoa ser criativa. Já o oposto ocorre a uma cidade que busca ser criativa, uma vez que precisa lidar com diferentes culturas e interesses envolvidos. Assim sendo,

Para ser criativa, a cidade requer milhares de mudanças de mentalidade, criando as condições para que as pessoas possam se tornar agentes da mudança, ao invés de vítimas dela, vendo a transformação como uma experiência vivenciada, não como um evento que não irá se repetir (p. 14).

Nesse contexto, é imprescindível a observação das dinâmicas vivenciadas na cidade para futuras mudanças, trazendo novamente os cidadãos como agentes participativos. Ao falar acerca da divulgação de projetos culturais em uma cidade, Reis (2016) destaca a necessidade não apenas de comunicar as ações à sociedade por meio de publicidade, mas também de se criar mecanismos de participação que permitam uma penetração social mais profunda, em todas as direções. Nessa mesma direção, Landry (2011) entende que cidade física trazida para esse contexto de cidade criativa precisa servir às relações sociais e à dinâmica da integração, compreendendo “seu valor, enfatizando problemas, como atmosferas, habitabilidade, bem-estar e os valores do patrimônio público” (p. 72).

Ashton et al. (2018, p. 16), por sua vez, destacam que

As cidades sustentam ainda o objetivo de serem ideais para seus habitantes, ou seja, cidades com oportunidades de trabalho, moradia, estudo, lazer, entre outros. Assim, o planejamento territorial e urbano das cidades deve pensar em primeiro lugar no cidadão local, com novas propostas de cidade que possam gerar oportunidades socioeconômicas para os residentes e, desse modo, mantê-los (retê-los) entre os moradores do local.

Aqui os autores sinalizam um planejamento inicial focado nos cidadãos locais, de maneira a conquistar primeiramente a atração dos que ali residem, buscando manter sua permanência, através de ações e serviços que sejam “ideais” para o tipo de vida que queiram levar naquele ambiente. Além disso, citam a urgência em compreender o espaço urbano como “o ambiente principal para a vivência e convivência da população, com qualidade e oportunidades” (ASHTON et al., 2018, p. 17).

Carvalho apud Reis e Kageyama (2011) afirma, ainda, que aquelas cidades com vocação para a cultura e eventos que ainda contam com grande celeiro de grandes talentos “devem investir nisso de forma cada vez mais planejada e articulada, criando leis e políticas locais que propiciem investimentos majorados para a cultura e os demais setores criativos” (p. 20), de modo a gerar mais conhecimento, empregos e renda, além de se tornarem mais inclusivas, em busca do desenvolvimento sustentável. Landry (2013) corrobora, considerando que “não há como evitar que as cidades desejem atrair as pessoas mais talentosas do mundo” (p. 69).

As regiões urbanas com foco estratégico correto podem se destacar, apesar da dinâmica global, dependendo, para isso, de fatores que atuam como um roteiro para a criatividade urbana, tais como a liderança; a previdência - capacidade de imaginar, prever e avaliar como as tendências mais profundas terminarão; o foco estratégico - habilidade de se concentrar no "quadro geral" e nas perspectivas de longo prazo voltadas para o futuro; a capacidade de ser estrategicamente íntegro e taticamente flexível; agilidade organizacional - capacidade de passar de uma cultura de baixo risco, controladora, centralizadora, uniforme e de alta responsabilidade para uma que valorize a sensibilidade e a flexibilidade; e, ainda, a motivação, que seria a vontade e a capacidade de fazer o prometido acontecer, ou seja, de pôr em prática a teoria (LANDRY, 2013).

O autor entende que,

Em um nível mais do dia a dia da Cidade Criativa, muitas coisas são redefinidas, reconcebidas e operadas. Mesmo a simples mudança de nome pode ter efeitos consideráveis em um prazo mais longo, uma vez que o modo como escolhemos chamar as coisas determina o que pensamos sobre elas e as prioridades que estabelecemos. O departamento de transportes, por exemplo, pode mudar de nome e ser subordinado a uma divisão de mobilidade e acessibilidade, que se preocupa tanto com os pedestres como com os carros ou sistemas de metrô. Ou os problemas de lixo e esgoto podem se tornar parte de um sistema de gestão de recursos, à medida que um novo pensamento ecológico transforma lixo em bem (LANDRY, 2013, p. 72).

Dessa forma, é possível compreender que até mesmo os nomes utilizados junto a setores de uma cidade podem interferir na maneira como serão vistos pelos cidadãos, de modo que “conceitos fortes podem mudar as perspectivas” (p. 72). Nesse contexto, faz-se necessária a utilização de termos que informem uma visão mais ampla do real motivo e causa por trás de sua existência.

**DISCUSSÃO DE DADOS**

A análise dos conceitos apresentada nas seções anteriores evidenciou que os autores de cidades inteligentes e cidades criativas compartilham de muitas ideias, as quais explicitamos na Tabela 1, que segue.

Tabela 1. Aproximações entre os conceitos de cidade inteligente e cidade criativa

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **TÓPICO** | **CONCEITO** | **PROPOSTA/AUTOR** |
| COMPREENSÃO DE SUA IDENTIDADE | CIDADE INTELIGENTE | “Para avançar nos estágios de *smartcity*, as cidades precisam superar diferentes barreiras. Cada uma terá seu próprio rol de desafios, em função de sua identidade, história, geografia e cultura” (CUNHA et al., 2016). |
| CIDADE CRIATIVA | “Aquela capaz de transformar seu contexto socioeconômico com base na valorização da cultura local, das particularidades que fazem a diferença de cada um e de cada parte” (CARVALHO in REIS e KAGEYAMA, 2011). |
| PLANEJAMENTO | CIDADE INTELIGENTE | “Cada cidade deve definir um plano de longo prazo que ultrapasse as gestões de partidos políticos, com ampla participação, com boa comunicação e com a governança ancorada na sociedade e cidadania para assegurar a continuidade no longo prazo” (CUNHA, 2016). |
| CIDADE CRIATIVA | “A preocupação em nível mundial de se ter cidades melhores para se morar demanda um planejamento urbano com maior organização e novas propostas de reestruturação do espaço urbano citadino” (ASHTON et al.,2018). |
| CONEXÕES | CIDADE INTELIGENTE | “Os cidadãos se beneficiam de serviços públicos melhores e são atores participativos da gestão pública” (BOUSKELA et al., 2016). |
| CIDADE CRIATIVA | Áreas da cidade; classes sociais; local, regional e global; setores público, privado e a sociedade civil (REIS et al., 2010). |
| TECNOLOGIAS DIGITAIS | CIDADE INTELIGENTE | “O uso de aplicativos nos *smartphones* permite ampliar a participação dos cidadãos” (BOUSKELA et al., 2016). |
| CIDADE CRIATIVA | “A dinâmica das indústrias baseadas na criatividade individual e na propriedade intelectual, ainda mais no contexto da cultura digital, é o futuro” (CARVALHO in REIS e KAGEYAMA, 2011). |
| SUSTENTABILIDADE | CIDADE INTELIGENTE | “Planejar, gerenciar e governar cidades de forma sustentável, maximizando as oportunidades econômicas e minimizando os danos ambientais” (BOUSKELA et al., 2016). |
| CIDADE CRIATIVA | “Processos de transformação necessitam do engajamento da sociedade civil para reforçarem suas chances de serem sustentáveis” (REIS et al., 2010). |
| ATRATIVIDADE | CIDADE INTELIGENTE | Atrativa; apresenta melhores serviços; ambiente de inovação que estimula soluções criativas; gera empregos; reduz desigualdades (BOUSKELA et al., 2016). |
| CIDADE CRIATIVA | “Ambiente capaz de gerir, capacitar, atrair e reter talentos que sustentem a criatividade e seu valor econômico e agregado” (REIS, 2008). |

Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Com base nas aproximações obtidas através da pesquisa bibliográfica e compiladas na Tabela 1, alguns pontos cabem ser discutidos nesta seção.

Quanto à “compreensão de sua identidade”, os autores acreditam que, antes de tudo, a cidade precisa reconhecer quem ela é, bem como suas virtudes e desafios, para, assim, conseguir observar mais claramente o que precisa ser feito e, então, elaborar um planejamento mais concreto e específico. Sendo assim, as cidades nem sempre enfrentarão os mesmos desafios, uma vez que estes estão relacionados ao que é ali vivenciado, ocorrendo variações geográficas, históricas, culturais etc.. Além disso, trazem que a valorização da cultura local é o que movimenta o setor socioeconômico, ou seja, ter a identidade da cidade bem estabelecida e trabalhá-la da maneira correta, como na divulgação de suas produções, pode gerar frutos interessantes para diferentes setores.

Acerca do tópico “planejamento”, muitos dos autores analisados concordam com a necessidade de se ter um plano bem-estruturado, junto ao setor público e a sociedade civil, com a participação de profissionais de diferentes áreas. Dois pontos importantes nesse quesito são a comunicação e a organização, fazendo com que as ações sejam continuadas, não havendo erros que ocasionem no abandono de todo um projeto, ou seja, um planejamento a longo prazo, não apenas buscando obter respostas rápidas, mas resultados futuros e duradouros.

As “conexões” são um dos tópicos mais mencionados entre todos os autores analisados, uma vez que podem ocorrer de diferentes formas: a conexão que os cidadãos têm com a cidade e sua participação na gestão pública; as conexões provindas da parceria entre os setores público e privado; as conexões entre os cidadãos de diferentes classes sociais, bem como a importância de se trabalhar o acesso de todos aos espaços da cidade; as conexões entre as áreas da cidade (seus bairros), bem como dela em relação à região em que está situada, e até mesmo em escalas ainda maiores, como sua posição em âmbito mundial.

Sabemos que as “tecnologias digitais” estão presentes em tudo o que fazemos e, assim, na grande parte dos ambientes em que nos encontramos. Os autores reforçam, nesse sentido, a notabilidade desses recursos para questões vinculadas às cidades, seja conectando o governo e os cidadãos, através do compartilhamento de dados oficiais sobre o gerenciamento da cidade, como também permitindo que tanto os cidadãos como os turistas aproveitem de melhores serviços em espaços públicos, disseminando e divulgando ainda mais o que a cidade tem a oferecer.

Ainda nesse quesito digital, as mídias locativas, trazidas no início deste estudo, representam uma das formas de conectar informações da cidade aos seus usuários, muitas vezes capazes de gerar dados úteis para que os responsáveis (como, por exemplo, os donos de estabelecimentos) conheçam o perfil de seu público, conseguindo gerar produtos e serviços personalizados. Esse fator também vai ao encontro da noção de *affondance,* trazido por d’Andréa (2020), num contexto de análise do uso de plataformas *on-line*, definido como os “modos como usuários constituem suas práticas a partir das possibilidades políticas e materiais propostas pelos desenvolvedores” (p. 24). Ou seja, aquilo que é permitido aos usuários dentro de limites já estabelecidos.

A “sustentabilidade” também se mostrou extremamente presente em ambos os conceitos, uma vez que está relacionada com o ambiente em que vivemos, indo ao encontro de diversos pilares necessários à construção de uma cidade. É interessante pensarmos neste conceito em termos de conservação e sustentação, ou seja, quais estratégias as cidades podem adotar para se conservarem e “autossustentarem”, mantendo o equilíbrio e evitando, ao máximo, os possíveis danos ambientais. Neste tópico, novamente, a participação da sociedade civil é trazida como um dos aspectos fundamentais para se atingir este objetivo.

Outro fator bastante aparente é a “atratividade”, em que são abordadas características que fazem da cidade um local atrativo, tanto para os moradores como os turistas, através da sua produção local nas mais diversas áreas (moda, música, gastronomia, entre outras). Essa atratividade pode se dar através de serviços prestados, de inovação, disponibilidade de empregos e, até mesmo, questões culturais e geográficas. Para isso, a cidade precisa apresentar ambientes e ações que possam capacitar e atrair talentos que sustentem a criatividade e todo o valor econômico resultante.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo principal compreender as aproximações entre os conceitos de Cidades Inteligentes e Cidades Criativas, a fim de verificar como as tecnologias digitais podem vir a melhor integrar a produção cultural dos cenários urbanos.

De acordo com a revisão bibliográfica realizada, averiguamos que ambos os conceitos exploram a conectividade em diferentes dimensões, seja através das conexões digitais, integrando espaços virtuais aos já existentes, ou através do quesito social, integrando pessoas a esses espaços físicos, através da produção cultural ali desenvolvida. Os conceitos elencados também destacam a importância da participação pública, em que os usuários desses espaços auxiliam no planejamento e produção daquilo que será destinado à população local, que é vista como o centro, a base em torno da qual os projetos tendem a ser pensados e desenvolvidos.

Nesse contexto de participação cidadã, o planejamento também mostrou ser um grande aliado para a conexão de diferentes aspectos e setores da cidade, sendo ele pensado a longo prazo e envolvendo profissionais que de fato consigam auxiliar nos projetos com seus conhecimentos e não os abandonem no processo de execução.

Quanto às mídias locativas, percebemos que sua implementação tem muito a colaborar para o marketing local, ampliando a divulgação dos espaços culturais urbanos, como, por exemplo, cinemas, bibliotecas, restaurantes, museus, gerando, assim, maior atratividade e funcionalidade a seus visitantes. Aqui, é importante ressaltar sua capacidade de divulgar a essência da cidade, sua vocação e produção local, não trazendo ações práticas apenas aos moradores, mas também a seus visitantes.

Destacamos, também, que os conceitos analisados têm por objetivo alcançar a sustentabilidade, ou seja, buscam a realização de ações que visem cuidar e conservar a cidade, associadas a questões culturais, ambientais, sociais e econômicas que possam gerar a capacidade de se sustentar de maneira mais autônoma possível, com o mínimo de interferências externas. Dessa forma, verificamos que, de fato, os conceitos analisados não caminham sozinhos, mas compartilham de muitos ideais, sendo possível perceber a importância da implementação digital para a realização de ações culturais, uma vez que ela permite maior praticidade, alcance e visibilidade.

**Agradecimentos**

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo financeiro para a realização desta pesquisa.

# Referências

ASHTON, Mary Sandra Guerra et al. **Cidades Criativas:** vocação e desenvolvimento. Novo Hamburgo: Feevale, 2018.

BOUSKELA, Maurício et al. **Caminhos para as Smart Cities**: da gestão tradicional para cidade inteligente. BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), 2016.

CUNHA, Maria Alexandra et al. **SmartCities:** transformação digital de cidades. São Paulo: PGPC (Programa Gestão Pública e Cidadania). 2016.

D’ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando Plataformas Online:** conceitos e métodos. Salvador: Edufba, 2020.

LANDRY, Charles. **Origens e Futuros da Cidade Criativa**. São Paulo: SESI, 2013.

LEAL, Carlos Ivan Simonsen et al. **Cidades Inteligentes a Mobilidade Urbana**. Rio de Janeiro: FGV Projetos, 2015.

LEMOS, André. **Cibercultura como Território Recombinante**. Salvador, 2006. Disponível: <http://abciber.org.br/publicacoes/livro1/textos/cibercultura-como-territorio-recombinante1/>. Acesso em 10 de set. de 2020.

LEMOS, André. **Mídia Locativa e Territórios Informacionais**. São Paulo: PUC, 2007.

REIS, Ana Carla Fonseca et al. **Cidades Criativas Soluções Inventivas –** O Papel da Copa, das Olimpíadas e dos Museus Internacionais. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2010.

REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Peter. **Cidades Criativas**: perspectivas. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades criativas, turismo cultural e regeneração urbana**. São Paulo, 2008. Disponível: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/cidadescriativas/ana-carla-fonseca-cidades-criativas.pdf>. Acesso em 10 de set. de 2020.

UNESCO. **Why Creativity? Why Cities?** Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/content/why-creativity-why-cities>. Acesso em 10 de set. de 2020.

UNESCO. **Reporting & monitoring**. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/content/reporting-monitoring>. Acesso em 10 de set. de 2020.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 17: Cidades, Sociabilidades e Urbanismos, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-2)
2. Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale). Licenciada em Ciências Biológicas (Feevale). Participa do grupo de Pesquisa Informática na Educação (Feevale). E-mail: yohanamarx@outlook.com. [↑](#footnote-ref-3)
3. Pesquisadora e professora titular do Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale. É Doutora em Informática na Educação (UFRGS) e coordena o Grupo de Pesquisa Informática na Educação (Feevale). E-mail: patriciab@feevale.br [↑](#footnote-ref-4)
4. Organização das Nações Unidas. [↑](#footnote-ref-5)
5. Projeto desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social na Universidade Feevale. [↑](#footnote-ref-6)
6. https://en.unesco.org/creative-cities/ [↑](#footnote-ref-7)